

DE
CHAMAS
E FÚRIA

Amostra

Amostra

MIKAYLA BRIDGE



DE
CHAMAS
E FÚRIA

VENÇA. OU QUEIME.

Tradução de Alessandro Mathias


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

De Chamas e Fúria

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 MIKAYLA BRIDGE

ISBN: 978-85-508-2877-0

Translated from original Of Flame and Fury. Copyright © 2025 by Mikayla Bridge. ISBN 9781035057412. First published 2025 by First Ink an imprint of Pan Macmillan, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B76d

1.ed. Bridge, Mikayla
De chamas e fúria / Mikayla Bridge; tradução
Alessandro Mathias
- 1.ed. - Rio de Janeiro: Alta Novel, 2026.
356 p.; il.; 14 x 21 cm.
Título original: Of Flame and Fury.
ISBN 978-85-508-2877-0

1. Literatura juvenil. 2. Fantasia. 3. Romance estrangeiro.
I. Título.

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Alessandro Mathias

Copidesque: João Guterres



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afilada à:

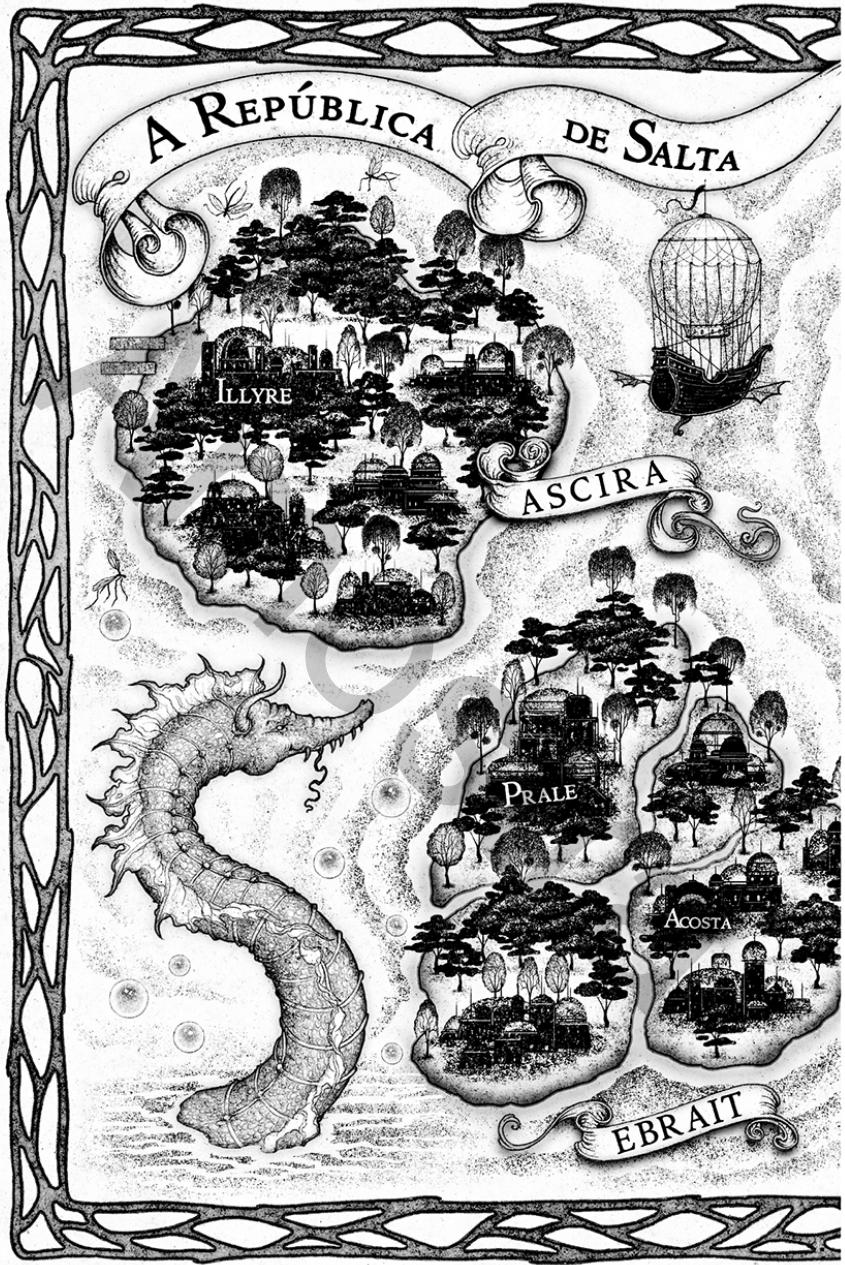


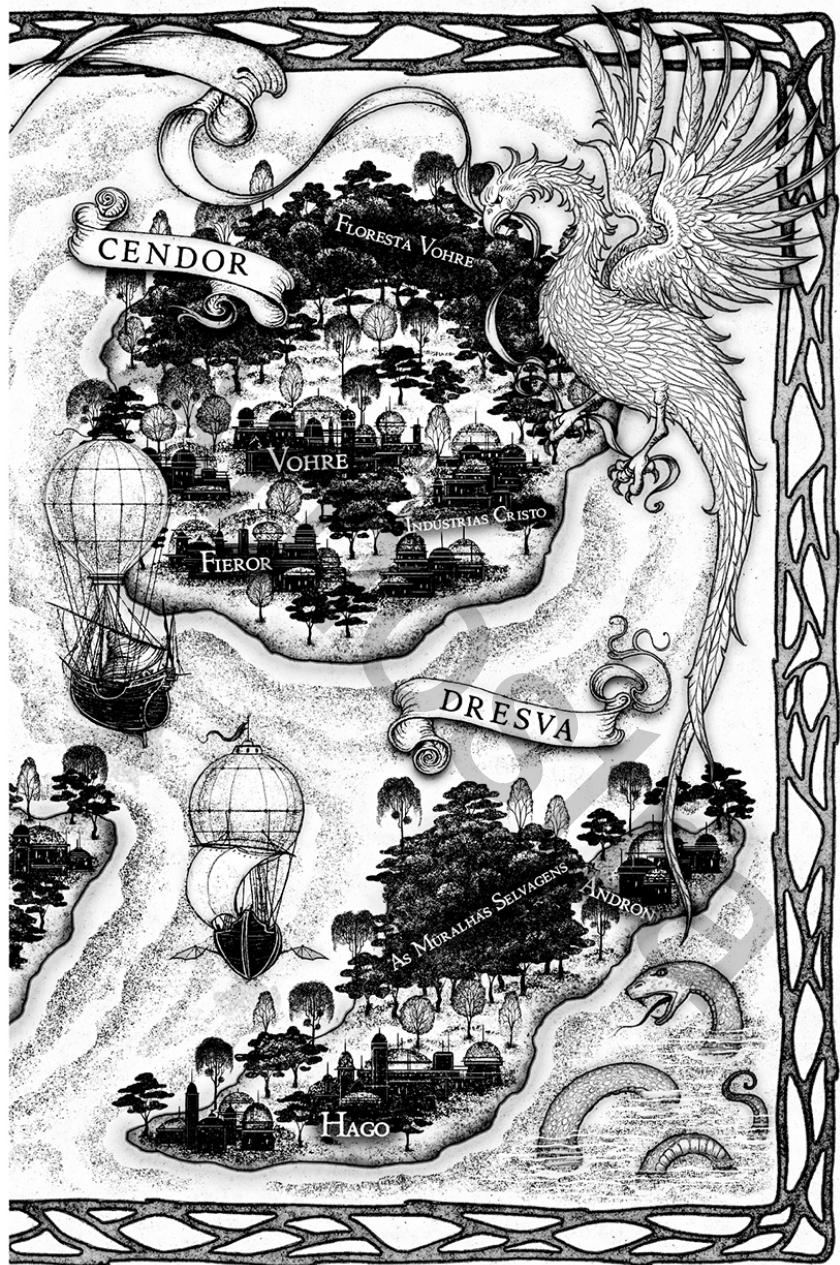
ASSOCIADO



Amostra

Aos que encontram abrigo em sua fúria.





Amostra

UM EXCERTO DO *BESTIÁRIO DE SALTAN*, PUBLICADO NO ANO DE 1488 DA REPÚBLICA DA ALQUIMIA:

O COMPÊNDIO CENDORIANO DE FÊNICES

Nativas de Cendor, as fênices levam de oito a dez anos para atingir a maturidade plena. As fênices juvenis mantêm, em média, uma temperatura estável de 300 °C. Na maturidade, sua temperatura se eleva para algo entre 500 °C e 600 °C. Ao se aproximarem de um renascimento de fim de ciclo, podem alcançar temperaturas de até 1.000 °C. As fênices, geralmente, renascem a cada cem anos, embora essa periodicidade possa variar.

As fênices habitam florestas úmidas. No entanto, os cendorianos frequentemente as confinam em viveiros para competir na Associação Cendoriana de Corridas de Fênix (ACCF).

Subespécies de Fênix

Fênix de Sangue

Plumagem em tons de vermelho vibrante ou marrom. Inteligência e velocidade medianas. Tamanho acima da média. É a subespécie mais comum na ACCF, devido à sua força e relativa obediência.

Fênix Capa

Plumagem negra e azul-escura, capaz de se camuflar. Inteligência e velocidade abaixo da média. A menor das subespécies. Tem a maior população selvagem. Sua natureza agressiva e pequeno porte as tornam pouco adequadas para a ACCF.

Fênix Carnel

Plumagem mesclada em tons de vermelho, amarelo e laranja. Altamente inteligente. A subespécie mais veloz já registrada. Tamanho mediano. Embora seja autorizada a competir, sua natureza agressiva as torna raras na ACCF.

Fênix de Cinzas

Plumagem em tons de laranja e bronze. Inteligência acima da média. Velocidade mediana. Tamanho abaixo da média. Segunda subespécie mais comum encontrada na ACCF, apesar de sua vida instável e da alta temperatura corporal.

Fênix Harrow

Plumagem amarela. A subespécie menos inteligente. Velocidade abaixo da média. Tamanho acima da média. Apesar da fácil domesticação, não pode ser incentivada a competir na ACCF.

Fênix Monarca

Plumagem variada e mesclada. Altamente inteligente. Velocidade acima da média. A maior subespécie já registrada. Considerada descendente direta de Deja, a primeira fênix de Saltan. Sua natureza territorial a torna pouco adequada para a ACCF.

Fênix de Espinela

Plumagem vermelho-clara. Inteligência mediana. Tamanho e velocidade abaixo da média. Terceira subespécie mais popular na ACCF, graças à sua natureza comparativamente dócil.

Parte Um

*Outrora, nossas vastas florestas eram bravas e livres
O Rei-Serpente reinava, entre seus dentes afiados
Então, de costas distantes, vieram quatro alquimistas
Com esperança e honra, em paz — ou assim diziam*

*Sob o reino dentado do Rei, teceram fios de ouro
Oferecendo doces presentes, ansiavam pelo controle
Com armas tão grandiosas, o Rei se rendeu
Suas terras aos Quatro, embora alguns os chamem ladrões*

Versos 1-2, “A Canção de Ninar Dourada”

Amostra

CAPÍTULO UM



Chamas passaram diante dos olhos ardentes de Kel. Mais quentes e intensas do que qualquer sol, o vermelho colidia com o dourado e o âmbar em listras selvagens pelo céu. Ao longo da pista aérea, repleta de obstáculos, Kel tentou acompanhar a rota das fénices. Embora, do seu camarote nas arquibancadas elevadas, elas fossem pouco mais que riscos de sangue.

Pintores nas quatro ilhas de Salta tentaram capturar o brilho feroz das fénices. Mas, para Kel, qualquer coisa que não chamuscasse os pelos do braço e não causasse bolhas doloridas parecia uma imitação grosseira.

Um guincho ensurdecedor ecoou pela pista. A multidão abaixo e ao lado do camarote de Kel rugiu, deixando-a surda.

Depois de alguns segundos estrondosos, as vozes no seu comunicador auricular voltaram.

— Penda à esquerda! Penda à esquerda. Não. Foi demais!

— Incline-se bem e abaixe. Isso! Assim!

Kel mordeu o lábio. Lançou um olhar para Rube, à sua direita, que se ergueu na ponta dos pés e esticou o pescoço.

— Ignore a última — Kel gritou no comunicador. — Isso vai deixar Savita encurrallada.

Oska, a piloto da equipe, respondeu com um grunhido tenso, embora tenha seguido as instruções de Kel. A fênix desta, Savita, era fácil de identificar, voando acima das adversárias, aproximando-se do limite de altura da corrida, de 150 metros.

— Nivèle — gritou Dira. — Mais alto do que isso e vão te derrubar a tiros.
— O olhar de Kel subiu para as nuvens escuras, mecânicas, que barravam o céu.

Se alguma fênix tentasse voar acima delas, chuva ácida provavelmente cairia da névoa dessas nuvens.

Rube tirou o comunicador auricular e gaguejou:
— Desculpa, Kel. Eu só queria...
Dira apertou a mão no ombro de Rube.
— O que a Kel *quer dizer* é que você deve deixar que eu, a *velocista*, faça a estratégia.

Dira sorriu. Os olhos castanhos faiscaram para Kel.
— A domadora também deveria.

Embora estivessem lado a lado, a multidão, aplaudindo e fazendo apostas de última hora, tornava quase impossível ouvir Dira sem aqueles fones finos.

Kel engoliu a réplica. Dira tinha razão. Como velocista da equipe, ela comandava a estratégia de pista. Kel era a domadora, responsável pelo cuidado e treinamento da fênix delas. A fênix *dela*.

Embora Rube tivesse boas intenções, o trabalho dele era projetar equipamentos, não dar conselhos táticos. Eles não podiam se arriscar a cometer deslizes bem-intencionados. As palmas suadas de Kel se agarraram ao corrimão de metal que separava as arquibancadas da vasta pista circular. Os nós dos dedos ficaram brancos como ossos. Aquela corrida era importante demais, uma das maiores do calendário anual da cidade. A parte de Kel no prêmio pelo primeiro lugar — *50 mil ceres* — a ajudaria a manter longe os abutres do conselho que rondavam suas contas vencidas. Eles já tinham começado a circular, como se ela fosse um cadáver para ser esfolado até os ossos.

A pista de hoje era mais estreita que o usual, instalada em um estádio de teto aberto. Cada equipe precisava completar cem voltas no circuito de 2 quilômetros. Arquibancadas cercavam o traçado. Os telões gigantes acima delas, focando nos mínimos detalhes da prova, subiam quase tão alto quanto as próprias fênices. Bem no centro, erguia-se um pilar elétrico, criando um anel letal, que eletrocutava qualquer ave de fogo que chegassem perto demais. Além de impedir que voassem alto, as nuvens escuras acima também jogavam obstáculos esporádicos: meteoros artificiais, que caíam de minúsculas aeronaves ocultas.

Do camarote privado da equipe nas arquibancadas, Kel observava Savita desviar por pouco de um bastão cravejado de espinhos despencando, grande o bastante para esmagar Oska.

— Existe um ritmo nos objetos que caem — a voz de Dira soou no comunicador auricular de Kel. — As nuvens estão em movimento, então nenhum trecho da pista se repete igual. Mas as mais escuras lançam armas maiores e as mais claras derrubam coisas com mais frequência. Só mantenha uma trajetória constante perto do pilar interno da pista e desvie quando eu mandar.

Kel lançou para Dira um olhar incrédulo. O céu era uma tapeçaria irregular, sem duas nuvens iguais em cor ou tamanho. De algum modo, Dira previa a queda dos objetos enquanto monitorava a posição de Oska.

— Vamos rezar para não haver delay no áudio — resmungou Oska, antes de conduzir Savita mais perto do pilar interno da pista. Um estalo de eletricidade fiscou alarmantemente junto à ponta da asa esquerda de Savita. Kel se encolheu.

Com a ajuda de Dira, Oska evitou mais três obstáculos, abrindo um caminho cuidadoso atrás de outra fênix — perto o suficiente para que Sav se esticasse e mordesse as penas da cauda da outra criatura.

Oska sacolejou na sela com o movimento repentino de Sav, mas conseguiu manter-se baixa, equilibrada. O alívio amoleceu os joelhos de Kel. Aquele era apenas o terceiro páreo de Oska com a equipe. Kel e Dira passaram cinco exaustivos meses tentando convencer Savita a aceitar Oska nas costas, e foi só no último mês que ela aquiesceu. Embora não tivessem treinado tanto quanto Kel gostaria, ela sabia que Savita era rápida o bastante — *forte* o bastante — para vencer. Era uma fênix carnél, naturalmente a mais veloz das sete subespécies de Cendor, e a corrida contornava o anel elétrico em curvas fechadas que favoreciam a agilidade de Sav. Contanto que Oska ouvisse Dira, Kel tinha certeza de que conseguiriam chegar entre as três primeiras. Isso ao menos lhes garantiria uma pequena parte do prêmio da corrida.

Uma fênix maior, mais escura, voou diante do camarote de Kel, meia volta atrás de Savita. De repente, as nuvens estouraram em prata e uma salva de flechas grossas disparou. O calor vermelho-cereja da fênix bateu no rosto de Kel um instante antes de sangue quente espirrar nas arquibancadas.

Ela puxou o ar, trêmula, e limpou a gosma das bochechas, aliviada por ter sido só aquilo que atingira a multidão. Embora uma malha de arame

separasse a pista das fénices do público, aquilo era, na maior parte, um recurso decorativo de segurança. Muitas corridas já tinham levado espectadores ao hospital, fosse por obstáculos mal lançados, fosse por uma fénix sedenta de sangue empurrando outra contra as arquibancadas.

As pessoas assistiam por conta e risco. Mas esse aviso nunca fez a multidão diminuir.

A fénix e sua piloto despencaram em uma bola de fogo. Caíram na pista com um estrondo ensurdecedor, levantando poeira no ar.

No centro da nuvem de terra, nem fénix nem piloto se mexeram. Kel fez uma careta quando a massa urrou em deleite e desespero misturados. Eles berravam suas apostas pelos telecomunicadores e as martelavam em tablets cintilantes, apostando em tudo, do primeiro pássaro a morrer à vencedora da corrida. Embora sua equipe ficasse apartada em uma seção privativa das arquibancadas, os ouvidos de Kel ainda latejavam com a excitação violenta da multidão. Ela se concentrou naquela dor, mantendo a mente limpa de qualquer lamento pela dupla caída.

Outra fénix passou em brasas num borrão de cobre, a velocidades impiedosas. Kel ergueu a mão para proteger o rosto do calor, enquanto estrelas negras dançavam diante da visão. Quando a vista voltou, as cores borradas viraram penas, e o vento que a empurrava para trás amainou. Ela afastou fios úmidos de cabelo castanho do rosto.

Outra fénix e piloto, desconhecidos, tinham colidido com um obstáculo em queda — uma maçã de couro enorme — e despencado para a pista de terra. A dupla parecia surpreendentemente sem ferimentos, a ave de fogo cambaleando e sacudindo a cabeça. Atônta, a criatura se recusava a voltar a alçar voo. Dira prendeu um cacho cor de terra atrás da orelha. — Bem-feito pra esse piloto, por achar que dava para ganhar tanta velocidade numa curva dessas. Pistas com obstáculos em queda sempre confundem as fénices. Deviam saber que era para ir com calma.

— *Cala a boca* — rosnou Oska pelo comunicador. — Já que nenhum de vocês pode pagar um aparelho com botão de mudo, fiquem quietos, a menos que tenham algo útil a dizer.

Kel mordeu a língua, forçando seu próprio silêncio. Precisava confiar que os últimos meses em que Oska treinara para a ACCF — a Associação Cendoriana de Corridas de Fénix — seriam suficientes para mantê-la viva.

Kel recuou um passo, vasculhando a pista com os olhos. Vinte fênices incendiavam o céu como fogos de artifício. Savita e Oska estavam em 4º lugar, embora por uma margem mínima. Do outro lado da pista, ela viu sua recruta mais nova desviar de mais metal caindo e sobrevoar outro par de asas em chamas.

Momentos depois, uma sirene rasgou o ar.

As fênices na liderança haviam entrado na última volta.

Bile subiu à garganta de Kel. Ela assistiu Oska conduzir Sav e imaginou a piloto instruindo a fênix com dedos desajeitados ao longo do pescoço, traçando padrões para orientar os movimentos de Savita. Kel quase podia sentir, sob os próprios dedos, as penas macias, quase fundentes, de Savita, como armas meladas de mel, recém-saídas da forja.

Erguendo-se na ponta dos pés, Kel avistou duas fênices borradas avançando, colando na cauda de Savita.

— Oska, duas pilotos subindo pela sua direita — disse Dira, aguda. — Não deixe espaço para ultrapassarem.

Embora Oska não respondesse, Savita guinou à direita e esticou as asas, a tempo de impedir que as duas se esgueirassem à frente.

Kel se inclinou nos calcânhares quando um grito humano rompeu o bramido da multidão. Com o coração na boca, ela examinou as fênices restantes, mas não conseguiu identificar a quem pertencia o som. Perguntou-se quais couros dos cavaleiros estavam derretendo sobre a pele naquele momento.

Embora tivesse pena da pobre alma, o brado não a fez vacilar. A culpa era da própria equipe deles. O técnico tinha a obrigação de monitorar tudo, da temperatura ao desgaste da sela e à durabilidade do couro. Todo mundo sabia que as fênices ficavam mais quentes quanto mais rápido voavam, e isso precisava ser considerado durante as corridas. O técnico dos Uivadores, Rube Rohin, jamais cometaria um erro tão básico. Embora ainda não fizesse ideia de como interagir com Savita, seus projetos de tecnologia provavelmente o tornariam milionário um dia.

Oska mergulhou, roçando por pouco uma maçã em queda.

— Certo — a voz de Dira soou pelos comunicadores. — O piloto em terceiro inclinou demais para a esquerda. A fênix dele tem um ponto cego se você voar mais perto, logo abaixo da asa esquerda.

Oska grunhiu e esporeou Sav, mais rápido, usando a asa da fênix vizinha como cobertura contra os projéteis que caíam.

— Baxe um pouco para evitar as garras da fênix, se ela esticar — acrescentou Dira, e Oska obedeceu. — Certo, desvie um pouco mais de quatro pés para a direita em três, dois, um...

Savita girou no momento em que um pedaço enorme e serrilhado de metal despencou de cima. A fênix lá em cima tentou a mesma manobra meio segundo depois.

Tarde demais.

O metal afiado golpeou a asa estendida da fera. Carmesim espirrou no pescoço de Savita quando a outra caiu para trás, debatendo-se.

Os Uivadores avançaram para o terceiro lugar.

A respiração áspera de Oska martelava o crânio de Kel. — Você está bem? — sussurrou Kel.

— Estou — a voz da outra tremeu. — Tem alguém vindo atrás de mim? — Livre — respondeu Dira, imperturbável. — Estreite as asas de Sav para ganhar mais velocidade. Mantenha a altura até eu mandar você se mover.

Ainda falta bastante até a linha de chegada.

Embora Oska permanecesse calada, sustentou a posição. Os obstáculos que caíam rareavam conforme a chegada se aproximava, e o centro elétrico da pista e as bordas com arame impediam que muitas fénices voassem lado a lado.

Duas bandeiras vermelhas e douradas surgiram à distância, ondulando no calor.

Kel retesou as mãos junto ao corpo, cerrando e afrouxando os punhos. Oska precisava *acelerar*.

Aos poucos, Sav se aproximou da ave de fogo que vinha em segundo. As duas primeiras — duas grandes fénices de sangue — esticavam-se em linha apertada. Havia pouca chance de deslizar por elas sem bater no pilar elétrico do centro. Mas o terceiro lugar ainda daria aos Uivadores um pedaço do prêmio, suficiente para...

Risos desvairados rasgaram o comunicador de Kel, cortando o barulho da multidão. Um segundo depois, chamas cor de marrom-avermelhado passaram por Oska e Savita. Uma fênix enorme, voando mais rápido do que deveria, dado o tamanho. Pelas faíscas lá adiante, Kel vislumbrou as costas do piloto; um lampejo de cachos castanhos escapava do capacete.

Os nervos dela, já retesados como cordas de arco, se partiram.

Kel mordeu o lábio, forte o suficiente para rachar a pele. De todos os pilotos que poderiam ultrapassar Oska...

— Sério? — gemeu, inclinando a cabeça para trás, como se exigisse respostas dos próprios Alquimistas. — *Precisava ser o Warren Coupers?*

Como se tivesse ouvido, o idiota — “Coup”, para a maioria — tornou a soltar um uivo, alto o bastante para vencer o coro interminável das fênices.

Kel mordeu em cima de uma nova ferida.

Não era surpresa que a plateia adorasse o jovem piloto. *Chamas, a ilha* inteira o adorava. Ele surgiu no circuito de corridas não muito depois dos Uivadores e logo virou garoto-propaganda da fama, da imprudência, das faces reluzentes da ACCF que faziam o sangue de Kel ferver. fênices eram criaturas divinas, que deveriam ser temidas e protegidas. Não adereços para acrobacias descuidadas de garotos caçadores de adrenalina com maçãs do rosto irritantemente simétricas.

Kel franzia o cenho enquanto Coup ganhava mais velocidade, aproximando-se rápido demais das duas fênices em primeiro e segundo, com cuidado de menos quanto às armas que caíam perto o suficiente para cortar as asas de sua fênix. Ele avançava tão depressa que não havia como Oska e Savita alcançarem. O estômago de Kel afundou quando Coup empurrou os Uivadores firmemente para o quarto 4º.

Os Uivadores não veriam um único cere.

— Como ele está fazendo isso? — praguejou Kel.

Ela apertou os olhos. Quando a fênix esticou as asas, Coup desengatou as pernas dos estribos, puxou os pés para trás e deitou, colado ao selim rígido. Kel não conseguia imaginar a dor que devia ser para os braços — manter-se imóvel enquanto a fênix guinava e cortava o céu, fechando em cima dos pilotos que disputavam o primeiro e o segundo lugares.

Com o vento rugindo contra eles, a fera em chamas de Coup mergulhou entre as duas fênices à frente. Não deveria haver espaço suficiente para a fênix de Coup se espremer — e, no entanto, com as pernas livres e as asas da ave presas, de algum modo Coup escorregou para o primeiro lugar tão fácil quanto seda entre dedos.

— Como diabos ele fez isso? — cuspiu Dira. — Mesmo que ele seja forte o suficiente para se sustentar sem as presilhas, se as outras fênices tivessem se aproximado, poderiam tê-lo esmagado como um inseto!

Kel sacudiu a cabeça, a raiva apertando a garganta. Viu Coup balançar as pernas de volta para os lados da sela e mandar a fênix abrir as asas o máximo que pudesse.

As chamas ao redor lamberam mais alto. Com gestos rápidos ao longo das penas do pescoço da fênix, Coup instruiu a ave de fogo a ir mais rápido, a ficar ainda mais quente. Kel não acreditava no que via.

— Talvez a sorte ajude e ele se churrasque sozinho — suspirou, embora soubesse que era pedir demais. A sorte vinha abençoando Coup injustamente desde que ele aparecera na ACCF, há quase dois anos.

O calor que saía da fênix de Coup com certeza queimaria o couro do traje, mas também dissuadiria qualquer outro piloto de se aproximar. Kel podia sentir dali do camarote. Coup tinha ultrapassado as líderes com um movimento impossível.

De algum modo, funcionou. Para ele.

Coup ouvou ao cruzar a linha de chegada.

Quarto lugar. As palavras arranharam a mente de Kel como garras.

— Como diabos ele conseguiu isso? — Oska gritou pelo comunicador. Um segundo depois, Kel ouviu um tilintar frenético, seguido de um grasnado de Sav.

— Que barulho é esse? O que você está fazendo? — gritou Kel.

Oska não respondeu. Apertando os olhos, Kel a viu se atrapalhar com as presilhas ao redor das pernas. Oska sibilou quando o metal queimou os dedos enluvados.

— Que diabos você está fazendo? — berrou Kel. — Desengatar as pernas é pedir para morrer.

— Precisamos fazer *alguma coisa* para pontuar! — gritou Oska. A tensão na voz dela fez arrepios correrem pela espinha de Kel.

— Não isso — disse Dira, ofegante. — Você tem instinto suicida? Só vai significar que teremos de arrumar piloto novo...

Oska soltou um som curto, entre um soluço e uma risada. — Você realmente acha que aquele arrogante é melhor piloto do que eu?

— Não — mentiu Kel. — Mas por que você imitaria algo que *Warren Coupers* decidiu que era uma boa ideia?

As mãos de Oska continuaram tateando as presilhas apertadas nos tornozelos e nas panturrilhas. Kel imaginou que o rosto da piloto estivesse tão branco-alvo quanto os próprios nós dos dedos.

— Eu consigo — arquejou Oska.

— Mesmo que a manobra seja possível — o tempo está acabando. — Os ouvidos de Kel começaram a zumbir. O coração virou um animal selvagem enjaulado na garganta. — Por favor, Oska. Não vale a pena.

Os dedos de Oska apenas se moveram mais rápido. Ela libertou a perna direita, forçando-se a manter o aperto nos flancos de Sav enquanto passava para a esquerda.

Kel ficou tonta. Não acreditava que Oska não tivesse sido arremessada de Sav com uma perna solta, voando a velocidades tão insanas. Bastaria uma brisa torta, um esbarrão de outra fênix, e Oska sairia voando — ainda presa à fera. Seria uma marionete mole acorrentada a uma deusa em chamas, embriagada de adrenalina.

— Pare, Oska! — gritou Rube ao lado de Kel. Oska não respondeu.

— Se fizer isso, está fora dos Uivadores — gritou Kel, uma ameaça desesperada e pouco convincente, quando Oska soltou a última presilha na perna esquerda.

— Não faça isso, Oz — sussurrou Dira.

Kel quase não teve coragem de erguer os olhos para os telões acima, ampliando cada detalhe terrível e granular do destino de Oska.

Com as mãos trêmulas, Oska agarrou o estribo e tentou erguer as pernas para trás, deitando de bruços. Os braços vacilaram com o esforço. Três dedos perderam o apoio quando Savita soltou um grito de estourar os ouvidos e prendeu as asas, ansiosa demais para repetir a façanha de Coup.

Um soluço reverberou pelos comunicadores. Colada à sela, Kel imaginou o couro de Oska queimando como papel sobre isqueiro.

— Pule, Oska! *Pule!* — gritou Kel.

O chão abaixo de Oska era terra compacta, mas quebrar alguns ossos seria melhor do que o que viria a seguir.

Oska se recusou a afrouxar o aperto, e Sav disparou entre as duas fênices logo à frente. Sav inclinou um pouco à direita quando uma delas se moveu, arrastando Oska junto. Sem firmeza suficiente para manter-se baixa contra a sela, Oska bateu na asa da fênix adjacente.

A transmissão ao vivo da câmera no capacete de Oska virou estática. Kel ainda viu sua piloto ser lançada no ar, como uma boneca de pano. Garras brilharam, e Kel ouviu, pelo comunicador, o som do couro se rasgando. Uma náusea revolveu-se dentro dela.

Oska gritou; um som de pesadelo rasgado da garganta. Vento e estática cortaram o brado, enquanto ela rodopiava pelo céu. Caíndo.

Um baque ensurdecedor ecoou pelos comunicadores dos Uivadores.

A linha morreu.

Amostra

CAPÍTULO DOIS



O suor quente embaçava a visão de Kel enquanto ela disparava do camarote dos Uivadores para as arquibancadas lotadas e descia por uma escada que rangia.

Ela empurrou os espectadores que se levantavam dos assentos. Dira e Rube vinham logo atrás, os três tropeçando pelo portão de metal. Quando alcançaram a pista, a corrida já tinha terminado.

Eles ergueram os passes da ACCF para um segurança de rosto inexpressivo e pararam. Oska tinha caído a 200 metros da linha de chegada. Uma equipe de socorristas corria pela pista de terra em direção à figura imóvel de Oska, ao longe.

Com o coração disparado, Kel se voltou para Dira e Rube.

— Vejam como está a Oska e...

E o quê? Verifiquem se a piloto ainda tem pulso?

Dira pigarreou.

— Não se preocupe, Kel. Vamos ficar com ela. Vá buscar a Sav.

Kel fez um aceno curto e correu para além da linha de chegada. Depois que Oska caiu, Savita continuou, dando tão pouca atenção à piloto quanto a um mosquito no visor dos óculos.

O ar tremeluzia sobre a linha de chegada pintada, onde as fênices sobreviventes tinham pousado, lentamente retomando suas formas. Todas pelo menos duas vezes mais altas que Kel, mais da metade estava com sangue manchando as penas polidas. Ela piscou entre as nuvens espessas de poeira e fechou o zíper da jaqueta de couro para se proteger do calor.

Três fênices à direita bicavam umas às outras, sacudindo as pilotos e se recusando a se acalmar. Ainda excitadas com a corrida, seria fácil demais terminarem o evento com um massacre. Kel se esgueirou rápido entre elas, mantendo distância, até avistar Savita, salpicada de fagulhas vermelhas, laranjas e amarelas. Sav resmungava para uma fênix próxima, livre para causar tanto dano quanto quisesse sem uma piloto que a guiasse.

Sav percebeu Kel de imediato e baixou a cabeça, afastando-se da outra ave como um gato flagrado brincando com um rato. Os ombros de Kel relaxaram ao se aproximar. As chamas enfurecidas de Sav, alimentadas pela adrenalina, já tinham se dissipado, voltando ao piscar suave e mais claro de sempre. Ela contorceu o pescoço comprido para se limpar e beliscar a sela vazia nas costas.

— Você quase me matou de susto — murmurou Kel, passando as mãos enluvadas por uma fileira de penas cor de vinho no flanco de Savita.

Ela se encolheu com as próprias palavras, enquanto os gritos de Oska ainda ecoavam em seus ouvidos. Embora tivesse testemunhado a queda de quebrar os ossos da piloto, Kel não conseguia impedir o mantra martelando no fundo do crânio:

Ela está bem. A Oska está bem. Ela está bem. Ela está...

Oska era arrogante e cheia de direitos, mas era uma delas. Uma Uivadora Rubra. Não podia estar...

Kel se recusava a terminar o pensamento.

O bico negro de Savita se fechou, impaciente. Pequenas fagulhas ainda corriam pelas penas. Uma saltou contra o braço de Kel, atingindo a jaqueta. O tecido se incendiou em um buraco incandescente antes que ela conseguisse apagar. Kel apertou os dentes. Sav parecia distraída demais para notar, os olhos escuros seguindo o movimento de uma equipe ali perto. Kel esperou até que o olhar da fênix voltasse para ela antes de mover as mãos mais para cima, em direção à sela.

Fênices não eram bichos de estimação a serem mimados. Eram tão brutais quanto a ilha saltense que chamavam de lar — ao contrário dos duendes inofensivos de Ascira ou dos companheiros serpentineiros de Dresva. Quem tentasse tocar Savita sem permissão perderia a mão antes de piscar.

— Você não podia ter parado e ficado com a Oska? — suspirou Kel. — Precisava *mesmo* terminar a corrida?

Sav baixou a cabeça e encostou o bico na palma de Kel. Ver Sav a salvo aliviou parte do aperto em seu peito.

As penas da ave, camadas ondulantes de amarelo, laranja e vermelho, estavam quase todas lisas, sem ferimentos. O tom escurecia para o vinho nas pontas das asas, como facas mergulhadas em sangue, e as garras de cobre brilhavam, apesar da poeira suspensa. A sela ficava pouco acima da cabeça de Kel, cobrindo as penas mais claras ao longo da espinha de Savita.

Kel ergueu o olhar para as fénices ao redor, que se agitavam e grasnavam enquanto as equipes se aproximavam. Embora Sav tivesse cruzado a linha de chegada em quarto lugar, sem piloto estava desclassificada. Os olhos de Kel arderam.

A queda de Oska a deixaria ferida, talvez para sempre. De qualquer modo, os Uivadores ficariam sem piloto por um bom tempo. A menos que Kel assumisse o lugar, e embora já tivesse corrido de vez em quando, não tinha a força de base e a agilidade naturais necessárias para disputar a ACCF.

Devíamos ter feito melhor.

O pensamento fez Kel estremecer. Seu pai não aprovava as corridas da ACCF, mas a teria repreendido por sentir qualquer coisa que não fosse entusiasmo com um quarto lugar. Ele teria sorrido, consertado sua bagunça e a girado no ar até fazê-la rir.

Mas Kel não via o sorriso do pai havia dois anos. Tudo o que lhe restava eram dívidas e campos ressecados. Uma sensação opaca e afundada rastejou dentro dela, crescendo ainda mais quando ouviu os passos de Dira se aproximando.

Atrás dela, a amiga disse:

— A Oska... ela...

Kel tentou se preparar, mesmo quando o medo cavava mais fundo. Virou-se para encará-la.

— Ela morreu — Dira conseguiu por fim. O rosto desabou, o corpo cedeu, quebrado pelo peso das palavras.

O mundo se embaralhou, e Kel fechou os olhos.

A morte fazia parte da ACCF tanto quanto as fénices. Kel sabia disso desde a primeira vez que entrou numa corrida. Mas isso não impediu o chão de sumir sob seus pés.

Conhecia Oska havia apenas alguns meses, mas era o bastante. Ela tinha duas irmãs mais novas. Suas fadas favoritas eram violeta e anil. Sempre tentava usar as camisetas mais impróprias, cobertas de lantejoulas, por baixo do couro

de piloto. Sua família tinha dinheiro, mas ela viera a Cendor para provar que não precisava dele. Era tão forte quanto qualquer saltense.

Savita guinchou. O som fez Kel abrir os olhos num sobressalto, e ela correu para envolver Dira num abraço.

— Sinto muito — sussurrou, desesperada para manter a voz firme. O retorno de Dira foi um soluço fechado.

Kel apertou o abraço. — Você devia ir para casa. Eu posso juntar nosso equipamento.

Dira fungou:

— *Você* está bem?

Kel não respondeu. Ficaram assim, sustentando a dor uma da outra, até Savita guinchar de novo. Kel esperou até Dira se afastar. Sem sentir, as duas se ergueram na ponta dos pés e soltaram a cinta intrincada ao redor da barriga de Savita. Kel se obrigou a checar o calor da ave no termômetro embutido na coleira. A temperatura estava um pouco acima do normal, o que era esperado após a corrida.

Kel segurou a sela quando ela caiu das costas de dois metros de altura de Sav, tropeçando sob o peso enquanto gritos próximos chamavam sua atenção. Pousou-a no chão e espiou sob a barriga da fênix, em direção às vozes.

Quatro figuras se aglomeravam em torno de uma grande fênix de sangue e sua piloto. Apertando os olhos, Kel reconheceu o emblema de meteoro neon nas costas dos uniformes: os Caçadores de Estrelas — a equipe azarada o suficiente para ter o maior idiota do mundo como piloto.

Coup se largava no dorso da fênix enquanto os colegas xingavam e o cercavam. No meio do choque, uma satisfação mesquinha se espalhou no peito de Kel. Mesmo que tivesse vencido, duvidava que a equipe aprovasse a manobra perigosa. Os Caçadores de Estrelas eram conhecidos pela atitude certinha nas corridas. Isso não lhes rendia tanta atenção da mídia, mas ao menos poupava os patrocinadores da preocupação de ver equipamentos caríssimos destruídos. Kel duvidava que quisessem compartilhar a reputação de imprudência de Coup.

O irmão mais velho dele, Bekn, mantinha-se afastado dos outros, expressão vazia e braços cruzados. Os dois sempre mudavam de equipe juntos: Coup como piloto, Bekn como mitigador — responsável por publicidade e patrocínio. A maioria das equipes da ACCF tinha cinco membros fixos: domadora, piloto, técnico, velocista e mitigador. Era tarefa do mitigador

fomentar os aspectos da ACCF que faziam Kel arrancar os cabelos: fama, marketing e patrocínios intrometidos. Mas Kel e Dira nunca encontraram um mitigador que gostassem o bastante para contratar, ainda mais com os preços que cobravam. Se Sav ficasse entre as três primeiras, isso já daria o alarde e o dinheiro necessários para bancar as despesas até a próxima corrida.

Ou, ao menos, daria... se a vida de Oska não tivesse acabado de forma brutal e Kel tivesse sido capaz de...

— Como está a Savita? — Dira perguntou em voz baixa, lançando um olhar para a fênix.

Kel fitou a amiga. — Ela está bem. Dira, você tem certeza de que...

Kel se calou ao ver Rube se aproximando. Ele parou a poucos passos da esquerda de Dira, tão perto quanto jamais chegava de Sav.

— Devíamos sair da pista para eu checar o equipamento. — Ele apontou para a sela no chão. — Tenho um aplicativo ligado ao couro da Oska, então eu... eu consigo ver como ele aguentou a corrida. Mesmo que o traje esteja...

— Duvido que vão devolver — disse Dira suavemente. A bile subiu à garganta de Kel.

O pouco de cor no rosto de Rube sumiu. Kel agarrou as rédeas no pescoço de Sav e lançou um olhar feroz para os Caçadores de Estrelas. Coup estava sozinho no chão, batendo a poeira das pernas, aparentemente abandonado pelos colegas.

A raiva fervia entre as costelas de Kel. Ela se agarrou a isso, querendo que queimasse mais forte, que rompesse o torpor e a prendesse ao chão.

Kel estendeu as rédeas de Savita a Dira.

— Pode levar a Sav da pista? Eu já vou.

— Claro. — O olhar de Dira faiscou para Coup. — Só não arranque a cabeça dele inteira — disse em voz baixa. A ACCF já perdeu uma piloto hoje. — A garganta de Kel se apertou. Ela fez um aceno duro. Dira enfiou a mão no bolso e puxou um punhado de insetos secos. Embora as penas de Sav se ouriçassem quando Kel se afastou, os olhos fixaram na mão de Dira.

— Vamos, fera — suspirou a amiga. — Kel e eu temos os melhores cortes do açougue esperando por você em casa.

Enquanto Dira e Rube levavam Sav da pista, Kel marchou até onde Coup se demorava, ainda se exibindo como fênix em desfile.

— Está orgulhoso de si? — sibilou Kel, cerrando os punhos. Deixou a raiva crescer, mais quente, mais afiada. Era bem mais confortável do que os gritos de Oska, ainda ecoando como estática em seus ouvidos.

Coup se virou para ela. Os óculos de vidro repousavam sobre os cachos castanhos, e covinhas marcavam a bandana de couro que cobria a metade inferior do rosto. Ele puxou o tecido para baixo e ofereceu a Kel um sorriso alvo, olhos âmbar faiscando.

— Ah, Varra — cantarolou. — Como eu sabia que você seria a primeira a me parabenizar pela vitória de hoje?

Não era a primeira vez que Kel ouvia aquela voz provocadora, e ainda assim seu sangue ferveu. Havia dois anos, era raro uma corrida terminar sem que ela e Coup gritassem um com o outro sobre manobras descuidadas ou vitórias imerecidas. Algo na facilidade dele em meio à carnificina da ACCF sempre fazia o temperamento de Kel explodir. Ela se aproximou.

— Por causa da sua imprudência, minha piloto está *morta*.

Coup passou a mão pelo cabelo, displicente.

— Eu não forcei ninguém a tentar minha manobra. Talvez fosse seu trabalho impedi-la de tentar.

Kel torceu para que ele não percebesse seu estremecer.

— Só teve sorte de não ter o mesmo destino, e sabe disso! — ela ferveu.

O vermelho tingiu sua visão diante do sorriso frio e cruel dele. A queda de Oska, as contas atrasadas da fazenda, a lembrança súbita do pai — tudo emergiu, coagulado em uma raiva mais simples e familiar contra Warren Coupers.

Coup suspirou.

— Aquela *jogada* provavelmente rendeu alguns milhões de visualizações extras para a corrida. A única coisa ilegal na ACCF é entediar a equipe de filmagem. Mas não preciso dizer isso a você, Varra. Se a ACCF desse ouvidos a você, Cendor apostaria em quais penas estão mais limpas, não nas corridas.

O olho de Kel tremeu. *Essa* era a diferença fundamental entre ela e Warren Coupers. No papel, tinham muito em comum. Embora não se conhecessem antes de competir, ambos viviam a leste de Fieror. Ambos tinham começado a correr na ACCF dois anos atrás. Ambos foram atacados pela mídia no início, por competirem ainda adolescentes. E ambos frequentavam o mesmo bar local após cada páreo.

Mas aí terminavam as semelhanças.

Warren Coupers representava tudo o que Kel odiava na ACCF. Enquanto correr era o último recurso para ela, Coup se deliciava com a adrenalina. Ele oferecia à mídia todo o zelo que devia dar à fênix. A mídia, por sua vez, o adorava por isso e, pior, o garoto dourado e vaidoso sabia disso.

— Sua equipe não pareceu tão impressionada com sua façanha — retrucou, cruzando os braços. — Os Caçadores de Estrelas são só glamour e zero risco. Não me espantaria se chutassem você. — Kel ergueu três dedos enluvados. — Seria o quê, o seu terceiro time em dois anos?

Um músculo saltou no maxilar de Coup, mas o sorriso se esticou ainda mais.

— Inveja não cai bem em você, domadora. Ganhe seu lugar na pista, ou caia fora dela. — Ele tirou um fiapo invisível do casaco. — De qualquer forma, devia cuidar da própria vida antes que perca mais uma companheira.

Kel franziu o cenho. Coup apontou atrás dela com um piscar de olho, e ela sustentou o olhar por um momento antes de se virar.

À direita da pista, Dira tinha levado Savita para um trecho de grama afastado das outras equipes. Agachada, revirava uma bolsa esportiva, enquanto Rube se aproximava de Savita com o braço estendido. Ele segurava algo escuro — provavelmente um petisco seco — em uma mão, com a outra erguida como se fosse acariciar a fênix. As penas ao longo do dorso de Sav se eriçaram, o pescoço comprido se enroscou.

Coup soltou uma risada maldosa enquanto Kel disparava em direção a Savita, diminuindo apenas o bastante para se enfiar entre fénices resmungonas e equipes de olhos estreitos.

— Rube! — gritou, mas as aves ao redor engoliram a voz.

Sav avançava em direção a Rube. Os olhos negros, redondos, estavam cravados no rosto pálido dele, o bico pairando sobre os dedos erguidos. A fênix soltou um rosnado grave, desafiando Rube a tocá-la.

Kel alcançou os colegas no instante em que a boca de Rube se abriu em um O largo.

— Rube — disse, num sussurro urgente, tentando conter a respiração pesada. — Afaste-se, devagar. Não encare.

Rube baixou o olhar e puxou o ar em golfadas curtas. Kel ouviu Dira girar para eles.

Isso devia ter bastado para satisfazer Savita. Em vez disso, a fênix espelhou Rube, avançando um passo ameaçador a cada vez que ele recuava. O olhar fixo da ave saltava da cabeça de Rube para a mão que ele tentara pousar sobre ela.

Kel previu o que aconteceria um segundo antes de Savita se mover.

As asas farfalharam e chamas coloridas agitaram o ar.

A ave de fogo mergulhou sobre Rube, o bico afiado mirando o peito dele. Kel empurrou Rube para trás e saltou à frente, bloqueando a trajetória de Savita.

Ela ouviu Rube cair no chão. O bico áspero de Savita pressionava contra a camisa manchada de Kel. A ponta afilada espetou o esterno, talvez sangrando, mas não avançou mais. Assim que firmou os pés, Savita recuou um passo. Por fim, bufou, recolheu as asas e se virou para um tufo de grama próximo.

Kel soltou um suspiro de alívio. Virou-se para Rube, torcendo para que o sorriso escondesse a batida feroz do coração.

— Ela não ia fazer nada, Rube. Você não passou muito tempo com ela, e está inquieta depois da corrida. — Mentia, e todos sabiam. Por mais tempo que passasse, Savita continuava sem permitir que quase ninguém chegassem perto — muito menos que a tocassem.

— Eu só... só queria ajudar a ver se ela estava bem, depois da Oska... — Rube parou quando Dira tentou ajudá-lo a levantar, mas ele se afastou.

Sacudiu a cabeça e apontou um dedo trêmulo para Savita.

— Mas... essa *coisa* deixou a Oska na pista, sangrando até a morte! — gritou.

— Nem devia ter autorização para correr.

A culpa de Kel se desfez. O maxilar se contraiu, e ela avançou um passo. Embora ele fosse mais alto, ela pairou sobre ele, a sombra escorrendo pelo chão.

— Deixa, Kel — murmurou Dira.

Kel cutucou Rube. — O nome dela é Savita. Ela é uma fênix, Rube. Não um gato de apartamento. Se tentar tocá-la quando dissermos para não fazer isso, a culpa será sua se acabar se machucando.

— Foi culpa da Oska também, então? — Rube explodiu.

Kel sentiu como se ele tivesse lhe dado um soco. O zumbido — os gritos de Oska — voltou aos ouvidos, e a visão se inclinou.

Os olhos de Rube se arregalaram. Ele avançou um passo, e ela recuou.

— Kel, eu...

Mas ela já havia se virado, rezando para que ele não visse a lágrima deslizando em sua face.

Amostra

CAPÍTULO TRÊS



O estômago embrulhado de Kel se acalmou quando ela e Savita entraram no aviário da fazenda. Ali, em meio ao verde exuberante e à luz refratada, era mais fácil fingir que tudo continuava como havia sido naquela manhã. Só existiam a envergadura completa de Savita, o cheiro de terra úmida e as lâmpadas incandescentes sobre suas cabeças. Kel havia trocado para um conjunto de roupas de couro protetoras de montaria e, mesmo assim, o calor do aviário pinicava sua pele. Normalmente, contratava uma unidade de transporte para levar Savita de um lugar a outro, sem querer cansá-la mais do que o necessário, mas naquele dia ela própria voara com Sav de volta para casa, enquanto a queda de Oska se repetia em sua mente como um loop.

A fênix atravessou os portões de metal do aviário e encostou o bico no corpo de Kel. Ela acenou com a mão enluvada e ajeitou a sela monstruosa contra o quadril. Duas vezes maior e mais pesada que a de um cavalo, a sela era um fardo colossal de carregar — mesmo com os 17 anos de músculos de Kel ajudando a manobrá-la.

— Tá, tá — disse. — Só mais um segundo.

Savita arrepiou-se e abaixou a cabeça. Kel alcançou a coleirada fera, brilhando como luz estelar embaçada. Sentiu as penas amarelas e quentes sob o pescoço de Sav roçarem seu rosto quando se inclinou, fazendo seus olhos lacrimejarem. Entre outros dispositivos, um pequeno medidor de temperatura estava embutido ali. A tecnologia vinha da Cristo Industries, como a maioria dos equipamentos usados nas corridas de fênices.

A coleira era tanto para a proteção de Savita quanto para a de Kel. Havia inúmeras superstições absurdas sobre a brutalidade das fénices, mas o fato era simples: uma fénix sem coleira incendiaria metade de Cendor.

Podia ser uma forma tosca de controle, mas não havia opções melhores. A última vez que uma fera dessas havia escapado da coleira fora dez anos antes, quando um novo técnico manuseou mal o animal após uma corrida. Já agitada, a fénix alçou voo e incendiou a pista. Oito membros da ACCF morreram, além de cinco espectadores, e outros 50 ficaram feridos.

— Seus sinais vitais estão completamente normais. Me fez passar a noite inteira preocupada à toa.

Na noite anterior, a temperatura de Savita oscilara como febre. Um pico de calor não era incomum antes de uma corrida, como se Sav pressentisse a ferocidade da pista, mas Kel ainda passara boa parte da noite roendo as unhas.

Savita lançou a Kel um olhar que parecia de desdém e bufou. Vapor escapou do bico.

— Você faz birras ensurdecedoras e destrói dúzias de arbustos antes de cada corrida, como se não adorasse estar nas pistas. Mas eu devia saber que não preciso me preocupar, não é? Você provavelmente acordaria as outras ilhas se tivesse só com uma farpa.

Savita bufou outra vez e se afastou. A cúpula do aviário parecia se curvar em torno da fénix, acolhendo-a em casa quando ela abriu as asas e subiu num turbilhão de poeira.

— Valeu, Sav — tossiu Kel.

Ela sacudiu a cabeça e fechou os portões de metal atrás delas. A estrutura de aço sustentava os painéis de vidro temperado e se erguia alta o suficiente para abrigar centenas de plantas nativas. Embora painéis e lâmpadas tivessem sido substituídos ao longo dos anos — não tantas vezes quanto deveriam —, as árvores imponentes e os arbustos espalhados ainda carregavam o toque do avô dela. Harrin Varra havia comprado Sav recém-nascida, saída do ovo, não das próprias cinzas. Deve ter pagado uma fortuna pela jovem fénix — embora o dinheiro que lhe permitira comprá-la já tivesse sumido havia muito tempo.

Diziam que Kel herdara dele os cabelos castanho-acinzentados e os olhos cinzentos, embora nunca o tivesse conhecido. Ele morrera da Praga de Armond (PA) antes dela nascer. Antes de a doença ser tão comum quanto um resfriado. Antes de transformar alguém em estatística, em vez de alma.

Kel sonhava com frequência com o avô quando dormia no pequeno escritório anexo ao aviário. Perguntava-se se ele deitara a cabeça no mesmo colchão fino. Se observara Savita serpentejar e planar pelo ar e ouvira cada um de seus gritos como uma balada.

Ela nunca sonhava com o pai. Também esperava não sonhar com Oska.

Kel estremeceu com o pensamento. Oska não era o tipo de Howler que ela imaginara receber no time, vinda da glamourosa Ascira, vestida em babados impraticáveis e contestando a maioria das instruções de Dira. Mas tinha um fogo que se igualava ao de qualquer cendoriano.

Em algum momento, sem nem perceber, Kel se permitira esquecer o destino que recaía sobre a maioria dos pilotos.

Sacudindo a lembrança, largou a sela e foi até o freezer do outro lado do aviário. Savita guinchou, seguindo atrás dela, quando abriu a tampa. Um odor metálico preencheu suas narinas. A fera avançou, tentando enfiar o bico no interior.

— Pelas chamas, calma, só *mais dois segundos* — resfolegou Kel, afastando o bico insistente e pegando um corte grosso de carne congelada. Jogou-o no chão, em direção a um conjunto de arbustos. Savita se lançou sobre o bloco gelado, como se ele pudesse fugir. Kel observou enquanto ela o arremessava ao ar, a carne descongelando e pingando sob seu calor, antes de abocanhá-la inteira.

Kel suspirou, recostando-se contra o freezer fechado. Os cortes congelados satisfaziam Savita durante a temporada de corridas, quando ela podia gastar energia na pista. Mas durante a fria Estação do Aço, era preciso aplacá-la com presas vivas: touros e javalis comprados e transportados, que lutavam com toda a força possível de um animal mortal.

Viva ou morta, Sav não aceitava bem interrupções de sua presa.

Kel contornou rápido as bordas de vidro do aviário, pegou a sela e se apressou até o pequeno escritório anexo. Largou a sacola surrada sobre o catre, pendurou a sela nos ganchos da parede e tirou as luvas protetoras. Novas bolhas já se formavam sobre as velhas cicatrizes de queimadura, descendo pelas palmas e punhos. Dada a popularidade da ACCF, queimaduras e cicatrizes eram comuns em todo Cendor. Ainda assim, logo teria de comprar luvas novas, mais grossas. Savita parecia ficar mais quente a cada corrida.

A fênix guinchou e as paredes de madeira do escritório tremeram. Dois porta-retratos tombaram sobre a mesa abarrotada. Kel apressou-se a endireitar

o primeiro — uma foto dela, com Dira e os antigos colegas, após a primeira vitória dos Howlers.

— O que vamos fazer, Sav? — sussurrou. A parede do escritório que dava para o aviário tinha uma janela, e Kel observou sua fênix planar em curvas preguiçosas. Sem o prêmio de hoje, não fazia ideia de como afastaria os cobradores de impostos que com certeza a atormentariam naquela semana. Já tentara de tudo para juntar dinheiro extra: turnos noturnos nos bares espalhados de Fieror e pedidos pelos subsídios que o conselho despejara sobre seu carismático pai. A única coisa que não havia tentado era deixar crianças montarem Sav por dinheiro, o que provavelmente acabaria em um processo caro.

Da porta, uma voz rouca perguntou:

— Onde está o seu tablet?

Dira entrou mancando sob o peso de várias bolsas. Sua pele marrom-escura brilhava de suor.

Kel cruzou os braços. — O que você está fazendo aqui?

Os olhos de Dira pousaram na mesa de Kel, onde repousavam o tablet antigo e o teclado.

— Ahá. Esquece.

Dira avançou, deixando as bolsas caírem no chão com um baque pesado e caro.

— Fique à vontade — disse Kel, seca. — Como você está se sentindo?

— Estou sentindo que não temos tempo para... — A voz de Dira embargou, cortando suas palavras. Ela pigarreou e tirou um chip de dados do bolso, levantou o tablet de Kel e ergueu a tela.

Um instante depois, tossiu. — Pelas chamas, Kelyn, acho que um fantasma acabou de sair do seu teclado. Você chegou a usar isso desde a última vez que estive aqui?

— Eu uso o tablet do aviário para monitorar os sinais vitais da Savita. Esse aí não uso há meses. Pode ficar com ele.

— Você mora bem perto das corridas de Fieror. É mais fácil manter os dados aqui com a nossa menina.

Savita guinchou e sacudiu as paredes do escritório outra vez. Kel deixou o som atravessá-la como luz de sol, soterrando a lembrança dos gritos de Oska.

— Vamos precisar encontrar uma nova piloto — suspirou Dira, recostando-se na cadeira da mesa.